

EM DESTAQUE

Ética, democracia e bancos escolares: uma pausa para reflexão

Sandra Machado

Auto-análise pode ser uma excelente maneira de o professor se preparar para entrar com o pé direito num novo ano letivo. Foi pensando nisso que a equipe de direção convidou a todos, do Centro e Jacarepaguá, para uma palestra com o Prof. Julio Groppa Aquino, realizada no dia 03 de fevereiro de 2004, no Museu Militar Conde de Linhares, ao lado da Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão. Com o tema “Ética e Gestão Democrática da Sala de Aula”, o professor da USP – Universidade de São Paulo, usou a idéia de reconstrução para estimular a platéia a repensar o cotidiano no ambiente da escola.

Com mestrado e doutorado em Psicologia e pós-doutorado pela Universidade de Barcelona, o Prof. Julio é contra o pressuposto de que todo educador possui uma “aura ética”, que seria inerente à profissão. Segundo ele, num primeiro momento, cada professor deveria, antes de se questionar por que escolheu esse ofício, interrogar-se por que permanece nele, ou seja, encarar de frente os temas sobre os quais nunca se fala nas salas de professores. “Precisamos realizar um trabalho de enfrentamento público coletivo dos males que nos habitam: as crenças performáticas. São aquelas crenças que têm valor de verdade mas que, no fundo, atentam contra o outro, contra a democracia.”

De acordo com essa visão de mundo, o Prof. Julio encara de forma diferente uma série de práticas que predominam no meio escolar. Ele é contra, por exemplo, mandar alunos para fora da sala de aula. “Transgressão é uma prerrogativa da infância e da adolescência. É dever nosso não abandonar o posto. Nós deveríamos pedir menos ajuda. Tarefa de coordenador pedagógico é ser guardião do projeto pedagógico e não lidar com problemas de disciplina.” Sendo assim, o mínimo ideal seria cada professor conseguir



Anderson de Carvalho

criar estratégias próprias para resolver os problemas. “O que todo aluno quer é um professor que saiba o que está fazendo lá. Escola não é lugar de tratar aluno.” Do contrário, ela vira uma “clínica de encaminhamentos”, na qual se está mais preocupado em investigar atitudes suspeitas e indícios de desestruturação familiar, do que propriamente focar as atividades no conhecimento e nos valores humanos.

Erros e acertos – O Prof. Julio Groppa aponta três equívocos comuns no meio docente.

1. *O pressuposto da ética profissional de véspera*: há quem acredite, erradamente, que a mera opção habilita a ser professor – falso.

2. *A formação inicial como vilã da profissão*: há professores que se perguntam – para que aprender tanta teoria sobre o ensino? Mas se trata de algo fundamental.

3. *A valorização excessiva da experiência*: de um lado as fórmulas desgastadas, de outro o olhar viciado sobre o cotidiano. O excesso de referências práticas, em geral, “tira o pasmo diante do novo” – ou seja, perde-se o encantamento.

No entanto, ele acredita que os alunos se importam essencialmente com três aspectos básicos.

O Professor Julio Groppa Aquino, ao lado do Vice-Diretor da Unidade Centro, João Francisco de Lima

1. Saber se o professor tem o domínio teórico sobre a disciplina que está lecionando.

2. Verificar se o professor sabe falar sobre o assunto: em outras palavras, é o velho dilema do chamado “erudito sem jogo de cintura”. Não adianta só conhecer o assunto; é preciso criar metodologias criativas para conseguir trabalhar os conteúdos com a turma.

3. Avaliar se o professor tem lastro ético e moral para ocupar aquele lugar. Ninguém melhor que os alunos para perceber se o professor “deposita a vida” naquilo que faz. Está posta a pergunta: “vale a pena *emprestar* minha escuta a essa pessoa?”

Perguntas e respostas – Na segunda metade da palestra, foi aberto o foro de discussão, com questões dos professores do Colégio Cruzeiro encaminhadas ao Prof. Julio Groppa Aquino.

Em que medida conta o valor da experiência?

“A vida destitui a experiência. Tudo tem que ser objeto de desconfiança e a gente deve se colocar sempre como quem pensa: ainda não está bom!”

Quando o aluno deve ser retirado de sala?

“Na mesma medida em que o seu filho deve ser retirado de casa, se tem um comportamento inadequado. Ou seja, nunca. Essa é mais uma crença performativa que precisa ser reavaliada. Toda sanção deve ser reparadora. Exclusão de nenhuma ordem faz alguém melhor.”

Como fazer para ganhar a atenção do aluno?

“Um bom recurso é se valer da idéia de fé cênica, a mesma à qual nos submetemos quando va-

mos ao teatro, por exemplo. A partir dela, constrói-se uma simulação que gera a suspensão das noções de espaço e tempo, de uma ambiência cinematográfica. O primeiro que tem de acreditar no que está se realizando em sala é o professor. Falta fazer o ofício com excelência e generosidade. Falta inventar, arriscar, ter mais domínio teórico e metodológico.”

Existem éticas diferentes?

“Não pode haver. Ética deve ser entendida como o amor à raça humana, como apreço incondicional à condição humana.”

Qual é a sua definição de vida?

“Vida é tudo o que pede passagem, o que não tem segredo nem controle, o que acontece, apesar das nossas presunções.”

O que significa ser professor?

“Ser professor é se descobrir incompleto e viver se encantando pela possibilidade de aprender. Como se a gente usasse permanentemente aquele cartaz, que diz *em obras!*”

O ensino privado deveria pensar em gerar benefícios públicos?

“As escolas privadas têm uma obrigação para com a sociedade, a de devolver serviços para a comunidade. No entanto, elas são ortodoxas e deveriam fazer mais experimentos pedagógicos.”

É possível ser ético com a atual precariedade das condições de trabalho?

“Não vejo relação imediata entre as duas coisas. A falta de ética de um professor não pode ser justificada pela falta de condições ideais. No entanto, acredito que precisamos pleitear melhores condições de trabalho para todos. Auto-piedade não é uma perspectiva produtiva.”

O Prof. Julio Groppa Aquino, docente da graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da USP (área de Psicologia da Educação); com mestrado e doutorado em Psicologia Escolar pela USP, e pós-doutorado em Educação em Valores pela Universidade de Barcelona, tem se dedicado, tanto no campo da pesquisa quanto no da formação (inicial e continuada), à análise de algumas temáticas que permeiam o cotidiano escolar contemporâneo. É autor de “Disciplina: o contraponto das escolas democráticas” (Moderna, 2003), “Diálogos com educadores: o cotidiano escolar interrogado” (Moderna, 2002), “Do cotidiano escolar: ensaios sobre

a ética e seus avessos” (Summus, 2000) e “Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno” (Summus, 1996). É co-autor de “Em defesa da escola” (Papirus, 2004), “Os direitos humanos na sala de aula: a ética como tema transversal” (Moderna, 2001) e de “Ofício de professor: aprender para ensinar” (Fundação Victor Civita, 2001). É organizador e co-autor de “Autoridade e autonomia na escola” (1999), “Transtornos emocionais na escola” (1999), “Diferenças e preconceito na escola” (1998), “Drogas na escola” (1998), “Sexualidade na escola” (1997), “Erro e fracasso na escola” (1997) e “Indisciplina na escola” (1996), todos editados pela Summus.

Primeiro Ciclo de Debates de 2004 é sucesso no Centro

O Ciclo de Debates é um evento que, desde 1998, favorece o encontro e o diálogo entre os pais e o Colégio Cruzeiro. Ele é um espaço de discussão fundamental dentro do processo de educação. Sua premissa se resume numa idéia bem simples: “Educar é difícil? Compartilhar é possível!” O primeiro Ciclo de Debates de 2004 aconteceu no dia 17 de março, na Unidade Centro, das 7h15min às 9h15min, tendo sido organizado pela equipe do SOE – Serviço de Orientação Educacional – sob a coordenação da Prof. Paula Francinetti. Dessa vez, o tema foi “O desafio da vivência de valores na construção da paz”.

Quatro grupos de trabalho foram divididos por segmento (Educação Infantil, 1ª a 4ª série, 5ª a 7ª série e de 8ª série ao Ensino Médio) e cada um teve o acompanhamento da respectiva orientadora. Este ano, a novidade é o certificado, que será oferecido aos pais que participarem dos quatro Ciclos previstos, dois por semestre.

Reproduzimos o texto de Abílio de Oliveira, pai de Maria Fernanda, do Gr. II, e de Maria Angélica, da T. 23, que resume o encontro.

O uso adequado do tempo versus a auto-estima – Dos valores considerados importantes para a educação dos nossos filhos, a auto-estima é aquele com o qual eles têm maior dificuldade de lidar. Numa primeira avaliação para identificar as razões que levam à falta de auto-estima de nossos filhos, de imediato constatamos que, certamente, não seria mera coincidência que a grande maioria dos pais escolheu o uso adequado do tempo. A correlação é evidente: o uso inadequado do tempo por parte dos pais afeta o relacionamento com os filhos e, conseqüentemente, sua auto-estima.

Será que a necessidade exagerada de obtenção de bens materiais que propiciam o atendimento a meros caprichos de menor valor, ou mesmo, a busca de meios materiais que venham a garantir o bem-estar futuro de nossos filhos, não estão roubando tempo precioso que poderia ser dedicado mais diretamente a eles?

Será que este exagero em garantir o futuro não está relegando demasiadamente para segundo plano o presente?



Anderson de Carvalho

O elogio e a repressão – É comum cometer-se uma inversão terrível com a qual nos habituamos a elogiar nossos filhos de forma parcimoniosa e particular, ao tempo em que os repreendemos, muitas vezes, publicamente e de forma acintosa. O correto é fazer-se exatamente o contrário. Até porque, ao criticarmos de forma acintosa nossos filhos, estaremos, na verdade, a demonstrar, perante terceiros, o quanto já erramos e estamos errando na sua educação, o que, convenhamos, seria motivo de vexame para nós próprios. Na grande maioria das vezes, ao repreendermos nossos filhos, nós é que deveríamos estar sendo repreendidos.

A frustração derivada da competição exacerbada – O desejo dos pais de que seus filhos tenham o que há de melhor e mais moderno ou até que sejam os melhores alunos, etc, pode parecer que visa ao aumento da auto-estima. Todavia, o efeito alcançado é quase sempre o oposto. Aparentemente, não há nada de errado em querer que nossos filhos sejam o máximo. No fundo, nossa “corujice” nos faz acreditar que eles o são mesmo. Como conseqüência, é inevitável que ocorra um processo de cobrança excessiva, que muitas vezes é fruto de nossas próprias frustrações. Há que se estimular nossos filhos a desenvolver esforços para que sejam os melhores. Todavia, mostrando-lhes que, se isso não acontecer, apesar do esforço, outras oportunidades surgirão.

O que mais contribui para reduzir a auto-estima de nossos filhos é a eventual deficiência em nossa própria auto-estima.

*Direção e Serviço de
Orientação Educacional
realizaram mais um
Ciclo de Debates*

7º Encontro de Equipes Pedagógicas da Rede Sinodal de Educação

Sandra Machado

Realizado pela primeira vez no Rio de Janeiro, o evento reuniu representantes de 54 instituições de todo o país em torno de um tema comum: a gestão do projeto pedagógico. No dia 26 de março, houve na Unidade Centro a palestra de José Ernesto Bologna, psicólogo, administrador, fundador da Ethos – Desenvolvimento Humano e Organizacional e especialista em Psicologia do Desenvolvimento aplicada à Administração e à Educação. Conferencista, criador e coordenador de cursos, seminários e *workshops* originais e transdisciplinares, ele é também autor de livros, vídeos, artigos e ensaios relativos à cultura contemporânea. A temática desenvolvida pelo palestrante foi debatida ainda na parte da manhã e continuou à tarde durante uma dinâmica de grupos mediada pelas coordenadoras pedagógicas Fernanda Carisio e Yvone de Lima e Silva.

O dia 27 começou com um *city tour* em direção a Jacarepaguá, uma vez que o evento prosseguiu no Teatro Iracema de Alencar, no Retiro dos Artistas. Além da discussão sobre o modelo de gestão do projeto pedagógico na Rede Sinodal, coordenada pelo Prof. Everton Augustin, foram feitos também relatos de experiências e uma discussão conjunta a respeito dos desafios e possibilidades, sob a orientação da Profª. Marguit Goldmeyer, coordenadora pedagógica da Rede Sinodal. Além de provocar um questionamento da relação entre autonomia e integração na rede, o encontro teve um outro consenso de ordem prática: a preocupação de fazer com que as reflexões trocadas cheguem aos professores para aplicação na sala de aula.

O ponto alto da palestra – Durante a sua fala, José Ernesto Bologna conduziu os participantes a percorrerem com ele um caminho de reconstituição dos fenômenos sociais do século XX, devidamente munidos de um distanciamento crítico em relação à cultura, a fim de entender o momento presente. A partir de três conceitos básicos – o “grande mundo” (tudo aquilo que precisamos compreender e decodificar), o “pequeno mundo” (o cotidiano) e o

“mundo interior” (o contato consigo mesmo e com suas esperanças de mudar pela coragem criativa) – o educador construiu o chamado “mundo histórico”. Segundo explicou, foi no “grande mundo” que se processaram as mudanças de maior impacto sobre a gestão educacional contemporânea, a saber: a relativa dissolução da família nuclear, o papel do prazer na construção da felicidade, o esvaziamento das igrejas tradicionais, a comunicação de massa que surge como uma forma de educação não-escolar e o surgimento da juventude como uma categoria social dominante. “A infância encurtou e a adolescência ficou mais longa. Tenho diversos adolescentes de 30 anos no meu consultório! Os adultos querem ser jovens a qualquer custo e recorrem a academias, próteses, dietas... Como se a juventude fosse o ápice da experiência, um valor fundamental!”

Nesse sentido, Bologna ressaltou que o gestor educacional deve considerar a chamada “transgressão criativa”, que é aquela em que o aluno tem brilho suficiente para substituir uma maneira rígida de fazer alguma coisa pela sua própria saída original. Para o palestrante, hoje os educadores são convidados a questionar o mundo e preparar as gerações futuras não como uma forma de repetição, mas sim para serem melhores do que seus pais. “O gestor educacional é um ser político, alguém que gere a equipe e constrói a cultura. É preciso ensinar a comunidade a se reconstruir e ter opiniões sobre os valores existenciais.”

José Ernesto Bologna durante a palestra no encontro da Rede Sinodal



Anderson de Carvalho